

DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

**O paradoxo da
permanência
estudantil
indígena na
Universidade:
Passei, agora é
luta**



Acesso e permanência estudantil indígena

O aumento significativo do processo de escolarização em terras indígenas, a constituição de cursos específicos, por exemplo, Licenciatura Intercultural Indígena, e a efetivação das Políticas Afirmativas, especialmente a partir de 2012 com a Lei Federal nº 12.711/2012 (Lei das Cotas), vem ampliando o acesso dos indígenas ao ensino superior.



Esse aumento (mais de 10 mil estudantes em Universidades Públicas) do acesso de indígenas na Universidade revela uma realidade complexa e pouco explorada que é a permanência desses estudantes no decorrer da graduação. Quando essa permanência não acontece produz fracasso e evasão acadêmica, gerando sofrimento psíquico por ter sua trajetória acadêmica rompida.



O paradoxo entre acesso e permanência dos estudantes indígenas na Universidade apresenta explicações bastante complexas que em sua maioria estão relacionadas aos processos de colonialidade do poder, do ser e do saber dos povos originários. Isso reservam a esses povos, sua cultura, línguas e conhecimento um processo de violência, subalternização e invisibilização.

Principais desafios para a permanência estudantil indígena

Analisando a literatura sobre estudantes indígenas nas Universidades, destacamos alguns desafios para sua permanência.

De ordem social, familiar e afetiva:

- Saudades da família, já que muitos de seus familiares permanecem nas aldeias;
- Sentimento de solidão na vida universitária e urbana;
- Vivências desagradáveis nos espaços da Universidade por terem que frequentemente provar sua condição de indígena.

De ordem social, familiar e afetiva:

- Ao assumirem que são indígenas, muitas vezes se sentem excluídos dos círculos de amizade e às vezes vivenciam situações de hostilidade explícita;
- Pensamento equivocado em torno da presença dos indígenas na Universidade de que apenas com o acesso desses estudantes já estamos alcançando diversidade e pluralidade nos espaços universitários.



De ordem acadêmica:

- As dinâmicas universitárias não compreendem as formas próprias de cognição e cosmovisão destes povos, levando pouco em consideração os modos próprios de subjetivação presentes nas diversas ontologias indígenas;
- Dificuldades de acompanhar as aulas, teorias e disciplinas, pois o português é a segunda língua.

De ordem acadêmica:

- Bibliografia extensa e que pouco dialoga com a realidade dos povos indígenas;
- Para aqueles prestes a concluir a graduação e vão tentar mestrado, novos desafios se apresentam como a obrigatoriedade de uma língua indoeuropeia, o preenchimento do curriculum lattes que muitas vezes não permite a inclusão dos nomes dos participantes indígenas



Estratégias para contribuir para a permanência dos estudantes indígenas

- Fazer pesquisa sobre os estudantes indígenas que acessam a Universidade para identificarmos de que povos são originários, suas línguas, costumes e tradições para que se possa direcionar Políticas de Permanência que dialoguem com essas especificidades.

- Discussão coletiva com a presença dos estudantes indígenas para quebras de estereótipos ainda no imaginário social sobre quem são os indígenas, na tentativa de superar os processos de exclusão no ambiente universitário;
- Valorizar as trajetórias e identidades dos estudantes indígenas.



- Ampliar a sensibilização e implicação da comunidade universitária nas políticas de diversidade;
- Postura receptiva e acolhedora aos conhecimentos originários pode ser uma das melhores estratégias para efetivar processos de interculturalidade no ensino superior e fortalecer a permanência dos estudantes indígenas.

- Efetivar apoio à formação com cursos de leitura, escrita, informática, idiomas e monitorias indígena, grupos de trabalhos indígenas, por exemplo, que dialoguem com as singularidades destes estudantes;
- Organizar espaços de discussão sobre saúde mental dos estudantes indígenas, tendo em vista os altos índices de suicídio entre essas populações.



Imagem: UNILAB

"Por isso que os nossos velhos dizem: Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai". Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo".

Ailton Krenak (Povo Krenak)



ELABORAÇÃO

Josiane de Souza Medeiros

Psicóloga do Departamento de Assistência Estudantil - DAEST

COLABORAÇÃO

Trabalhadores da Coordenação de Desenvolvimento

Estudantil - DAEST

Ageu Maia - CBE/DAEST



REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DOEBBER, Michele Barcelos, BRITO, Patricia Oliveira. Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. Rev. bras. Estud. Pedagóg., Brasília, v. 49, n. 251, p.37-53, jan./abr. 2018.

CRUZ, Felipe Sotto Major. Indígenas antropólogos e o espetáculo da alteridade. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, Brasília, v. 11, n. 2, p. 93-108, 2017.

HERBETTA, Alexandre Ferraz; NAZARENO Elias. Sofrimento acadêmico e violência epistêmica: considerações iniciais sobre dores vividas em trajetórias acadêmicas indígenas. Tellus, Campo Grande, MS, ano 20, n. 41, p. 57-82, jan./abr. 2020.

MAYORGA, C; SOUZA, L M. Ação afirmativa na universidade: a permanência em foco. Revista Psicologia Política, v. 12, n. 24, p. 263-281, 2012.

TASSINARI, Antonela. Resultados e desafios da inclusão de estudantes indígenas pela política de ações afirmativas da UFSC. In: OLIVEIRA, Lucia Alberta Andrade de (Org.). A questão indígena na educação superior. Rio de Janeiro: FLACSO: GEA: UERJ: LPP, 2016. (Cadernos do GEA n. 10, jul./dez. 2016).